

PRESERVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NAS MISSÕES JESUÍTICO-GUARANIS

TOBIAS VILHENA DE MORAES Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

RESUMO Este artigo toma como ponto de partida uma breve trajetória de idéias e conceitos de Preservação de remanescentes de cultura material que se desenvolveram durante a Gestão do Patrimônio Arqueológico nos quatro Sítios Arqueológicos missioneiros (São Nicolau, São Lourenço Mártir, São João Batista e São Miguel Arcanjo). A partir da arqueologia, observando-se suas normativas legais e técnicas específicas, se tentará estabelecer um canal de interface com uma das áreas que integram o campo cultural daqueles sítios: a educação. Perspectiva ampla, mas que reconhece a complexidade do ser humano em suas diferentes formas de conhecer e agir e que considera a Ciência Arqueológica e a Educação interlocutoras ativas no desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre o passado.

PALAVRAS-CHAVE Arqueologia histórica, missões jesuítico-guaranis, preservação arqueológica

A GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO RIO GRANDE DO SUL¹

Desde a segunda metade do século passado, com a necessidade crescente de vias de circulação no país, a Arqueologia Brasileira teve um grande impulso em suas atividades. Mais especificamente na região sul, uma das questões prioritárias levantadas pelos arqueólogos era a contínua destruição de sambaquis por meio da retirada de terra para a construção de estradas de rodagem. Nesse contexto, a preservação, e não mais apenas o interesse científico do bem arqueológico, tornou-se um dos principais focos de atuação dos pesquisadores brasileiros, fenômeno que culminou com a consolidação da Lei de Arqueologia (Lei n.º 3924/61) e a definição do patrimônio arqueológico como bem da União (Prous, 1992; Funari, p. 27 e 28, 1994; Souza, 1991).

Lei esta que simbolizava, dentre outras conquistas, o início da defesa do método científico como o mais eficaz e seguro para o conhecimento e salvaguarda daquele patrimônio (Souza, 1991, p. 108).

No campo arqueológico, tanto em Santa Catarina quanto no Rio Grande do Sul, a ação de pesquisadores, em trabalhos pontuais ou sistemáticos, com a criação dos primeiros núcleos, vinculados a universidades, precede tanto à Lei da Arqueologia (1961), quanto ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o PRONAPA (1965-1970). Esse conhecido programa de

registro e documentação do patrimônio arqueológico brasileiro contribuiu para a ampliação do número de técnicos nessa área, influenciando na criação de museus especializados na região, como o Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Eurico Miller, 1966) e o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (1969). No mesmo sentido, foi significativo, também, para instalação de novos centros de pesquisa, que passaram a contribuir para a formação de novos profissionais.

No âmbito institucional, a coordenação dos assuntos de Arqueologia, na região sul do país, era atendida por profissionais da área central do IPHAN. Dentre os profissionais, destacam-se Edna June Morley, Regina Coeli Pinheiro da Silva, Catarina Eleonora Ferreira da Silva e Rossana Najjar. Estes eram apoiados através das atividades de consultoria prestadas por arqueólogos, como Pedro Ignácio Schimitz (IAP/UNISINOS).

Uma presença marcante, na história da Arqueologia de Santa Catarina, foi o trabalho de João Alfredo Rohr, a partir da década de 50 do século XX. Este deixou uma valiosa coleção arqueológica no Colégio Catarinense.

A partir de 1985, Rossano Lopes Bastos assumiu o setor de Arqueologia de Santa Catarina. Ele, então, iniciou uma série de projetos, em diferentes áreas do estado, destacando-se trabalhos de valorização de sítios arqueológicos ligados aos sambaquis e às oficinas líticas, inscrições rupestres, além de registro e documentação de sítios arqueológicos.

Foi instalado, na sede, em Porto Alegre, um laboratório de Arqueologia onde trabalharam os arqueólogos Vera Lúcia Trommer Thaddeu (1988-89), José Otávio

1. O presente artigo pretende desenvolver e aprofundar as reflexões que venho realizando na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil (PUC/RS).

Catafesto de Souza (1989-91) e Cláudio Batista Carle (1992-1993), dando oportunidade para formação de acadêmicos. Claudio Batista Carle desenvolveu, nesse local, parte da sua pesquisa sobre o material metálico missioneiro. Por outro lado, a arqueóloga Vera Thaddeu, num trabalho integrado com os arquitetos da regional, organizou uma exposição didática com o material proveniente de São Nicolau e dos trabalhos realizados em São Lourenço Mártir e São João Batista.

Para organizar o gerenciamento arqueológico no estado do Rio Grande do Sul, foi realizado o projeto Inventário de sítios arqueológicos (1991), com a proposta de elaboração de bases de dados de sítios, projetos de pesquisa e de pesquisadores. Este foi um trabalho desenvolvido pelo setor de Arqueologia, com o apoio e participação da arqueóloga Catharina Torrano Ribeiro (CEPA-UNISC) e recursos da FAPERGS. Entre 1997 e 1998, com a implantação do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), foi contratada a arqueóloga Beatriz dos Santos Landa, para transcrever as fichas de registros de sítios para base informatizada. Para contribuir com conteúdos sobre a pré-história e o patrimônio arqueológico, foi desenvolvida a publicação didática, destinada à rede escolar, *Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul* (Custódio; Souza, 2004). A publicação foi elaborada a partir de pesquisas e com a colaboração de profissionais de diferentes instituições, entre eles educadores.

Após essa breve trajetória do setor de Arqueologia no estado, é importante salientar que, devido ao grande número de profissionais e instituições acadêmicas existentes na região, e, sobretudo, ao empenho depreendido, a quantidade de registros de sítios (já publicados) no Rio Grande do Sul é expressivamente maior do que a média dos outros estados, atingindo 2.115 unidades. Mais recentemente, em trabalho executado pela arqueóloga Gislene Monticelli, foram identificados cerca de 800 novos sítios arqueológicos, que constam atualmente no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA).

A ARQUEOLOGIA MISSIONEIRA

No Rio Grande do Sul, além dos trabalhos de pesquisadores pioneiros em diferentes regiões, o tema Missões² se destaca, em função do tombamento de São Miguel (1938) e, posteriormente, de São Nicolau, São João Batista e São Lourenço Mártir.

Os primeiros informes que se têm notícia sobre escavações em São Miguel das Missões datam de 1937, quando o Governo Federal passou a intervir nesse local.

2. Lúcio Costa foi incumbido, pelo Governo Federal, para estabelecer as diretrizes para a consolidação dos remanescentes da Igreja de São Miguel das Missões.

Nos documentos, Lúcio Costa destacava que fragmentos de esculturas e arquitetura deveriam ser direcionados para São Miguel das Missões¹.

Ao mesmo tempo, começavam os trabalhos de consolidação da Igreja e da Torre de São Miguel. A falta de acompanhamento arqueológico, no entanto, levou à perda de um enorme manancial de informações para o pesquisador contemporâneo. Sob essa mesma perspectiva e com os mesmos danos ao patrimônio arqueológico, ocorreu a construção do Museu das Missões, que, pese a sua beleza estética, alterou definitivamente o substrato arqueológico local.

Arquivo IPHAN/RS



1. Consolidação das ruínas da Igreja de São Miguel Arcanjo (Brasil/RS).

Os registros das primeiras prospecções, realizadas por arqueólogos, informam que elas foram efetuadas na região pelo padre Luis Gonzaga Jaeger, do Instituto Anchietano de Pesquisas, no fim dos anos 50 do século passado. Sem utilizar uma metodologia específica, o pesquisador abriu parte dos espaços urbanos das reduções de São Luiz Gonzaga, São Borja e São Nicolau (Barcellos, 2000).

O mesmo pesquisador ainda atuou no município de Lavras (a cerca de 400 km da região das Missões), tentando entender o alcance da influência da redução, e escavou também no interior da Igreja de São Miguel das Missões, depositando o material encontrado na quinta (posteriormente esse material seria escavado pelo arqueólogo Claudio Batista Carle, no fim do século passado).

A rigor, o primeiro trabalho arqueológico nas Missões foi incumbido a José Proenza Brochado (1967-69), tendo sido desenvolvido, posteriormente, por um conjunto de profissionais, a partir das escavações de La Salvia (1979). Segundo La Salvia, esse primeiro trabalho ficou restrito à análise da cerâmica e considerações tecnológicas, estabelecendo, para ela, uma Fase Missões. Os trabalhos buscavam fixar uma padronização da cerâmica produzida na época, comparando-a com outras fases do Rio Grande do Sul e Paraná. Cabe lembrar que essa visão se encaixava perfeitamente no enfoque do PRONAPA, que buscava localizar os remanescentes, com vistas a obter

antigas rotas migratórias (Dias, 1995; Funari, 1994). Desde a década de 1970, São Miguel, São João Batista, São Nicolau e São Lourenço Mártir eram objeto de várias escavações. Organizadas por José Saia, representante da SPHAN para a região sul do país, o objetivo dessas escavações era compreender o alcance dos remanescentes arqueológicos. Segundo Barcelos (2000), vários equívocos foram cometidos, como a localização de estruturas e a aberturas de sondagens que danificaram as camadas arqueológicas.

No início da década de 1980, foi realizado o projeto *Diretrizes para o desenvolvimento físico da cidade de São Miguel das Missões*, entre a Secretaria do Interior, Desenvolvimento Regional e Obras Públicas, a SPHAN e o município de Santo Ângelo (visto que à época São Miguel era subdistrito deste). O objetivo deste projeto era estabelecer os limites do sítio arqueológico e permitir o gerenciamento das áreas de entorno. Critérios paisagísticos e espaciais (alturas dos edifícios, bacias visuais, linhas d'água, entre outros) prevaleceram durante aquelas análises e nas posteriores.

Na mesma época, foram realizadas escavações em São Nicolau. O trabalho, coordenado por Fernando La Salvia, foi decorrente de convênio firmado entre o SPHAN³ e a Subsecretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Governo do Estado, com o objetivo de promover escavações arqueológicas nos remanescentes da antiga redução jesuítico-Guarani, na cidade de São Nicolau. Esse trabalho, uma escavação ampla (cerca de 4500 m²), no centro da cidade, descobrindo estruturas de igreja, colégio, adega, casas de índios e cabildo, pode ser considerado um marco para a Arqueologia Histórica brasileira. A falta dos trabalhos de consolidação e estabilização dos remanescentes encontrados, no entanto, acarretou em perda de boa parte da área escavada, e expôs parte dos vestígios e estruturas às intempéries e à ação humana. Tal fato levou a uma mudança de perspectiva nas práticas futuras de escavações arqueológicas.

Com a saída do Professor La Salvia, foi estruturado o projeto *Arqueologia Histórica Missioneira* (1985), por meio de um acordo de cooperação técnica entre UFRGS, PUC-RS e SPHAN. O trabalho teve coordenação técnica dos professores Arno Alvarez Kern e Pedro Augusto Mentz Ribeiro, e institucional, do arquiteto Julio Curtis. A partir de então, os trabalhos arqueológicos se desenvolveram em diferentes ocasiões nos sítios de São Lourenço, São João Batista e São Miguel Arcanjo. Destaque para o Sítio Escola Internacional Missões e para o significativo conjunto de pesquisas – monografias, dissertações e teses produzidas a partir dos resultados das escavações. Um dos principais

3. Antiga denominação do IPHAN.

Arquivo IPHAN/RS



2. Trabalhos de escavação em São Nicolau, RS.

objetivos era reconhecer o espaço das reduções, para cercá-las posteriormente. O isolamento dos vestígios em uma ilha de preservação passou a ser visto como a melhor forma de proteção (Kern, 1998; Funari, 1994). Vários artigos relacionados ao projeto *Arqueologia Histórica Missioneira* começam a ser lançados em revistas de circulação acadêmica. A participação de profissionais ligados àquele projeto, em eventos científicos, também ajudou na divulgação dos resultados. Cabe destacar que, desde o fim da década de 1970, a Arqueologia Brasileira encorpava os seus quadros profissionais. Além do crescimento de instituições de formação, vários eventos realizados em Universidades e Museus ajudavam a solidificar a Arqueologia em nosso país (Souza, 1991).

Portanto, essa crescente profissionalização, somada a uma postura científica, levou o pesquisador-arqueólogo a encarar de forma diferente a produção de seus resultados em campo. Inicialmente, o interesse do cientista-arqueólogo era descrever, detalhadamente, o material identificado. De acordo com La Salvia e Brochado (1989) tal fato se devia “[...] à preservação diferencial da cultura material nos depósitos arqueológicos”. Isto forçava “[...] a definir a expressão cultural guarani quase que somente através dos atributos da cerâmica e do material lítico encontrado no sítio”. O estudo se concentrava, sobretudo, no artefato, onde as partes componentes do todo eram estudadas e integradas, de forma a compreender o todo e a sua cultura original (Brochado; & La Salvia, 1989, p. 5; Souza, 1991).

Uma importante mudança de eixo na investigação, entretanto, estava para surgir. No lugar das publicações com uma descrição infundável dos itens recuperados e da constituição de verdadeiro corpus de artefatos, como prioridade, agora, os estudos interpretativos ganham espaço nos estudos.

A própria publicação *Arqueologia Histórica Missioneira*, lançada em 1998, é um reflexo desse novo enfoque. Além de apresentar dados sobre os sítios prospectados, a publicação traz um apanhado geral das principais conclusões, obtidas através do estudo de temas

específicos, como a metalurgia missioneira, a cerâmica guarani, etc.. Para tanto, foram convidados especialistas e estudantes que participaram do Projeto (Kern, 1998).⁴ O texto final reunia artigos produzidos em diferentes momentos na década de 1990.

Até essa época, o foco de pesquisa nas Missões tinha se restringido a, quando muito, um levantamento sobre a ocupação indígena e a colonização ibérica (La Salvia; Brochado, 1989). Com o novo projeto, Arno Kern buscava uma explicação geral sobre a ocupação humana na região. Tanto os subprojetos criados, como as escavações em determinados sítios serviriam para a elaboração de uma verdadeira síntese histórica. Como método de campo, as escavações seguiram o sistema de open área, buscando recuperar a organização espacial de cada ocupação (Kern, 1998; Souza, 1991).

Depois de instalado um olhar científico nos projetos de pesquisa em Arqueologia, nas Missões, passou a entrar em discussão uma nova etapa de reflexão sobre o tema da Preservação tem início. Ao mesmo tempo, a ampliação dos contatos com instituições dentro e fora do país começou a ser vista como elemento necessário para o desenvolvimento científico. Foram assinados convênios e atividades de intercâmbios como o *Workshop Brasil-EUA* (1993), com o apoio institucional da Universidade do Arizona e do National Park Service (NPS), do IPHAN de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Dentre os projetos desenvolvidos no território missioneiro e que usaram como fonte de inspiração os resultados obtidos durante o programa do *Arqueologia Histórica Missioneira*, estavam o Sítio Escola Internacional/Missões, de 1993, e o Programa Integrado de Valorização (PIV), realizado entre 1994 e 1998.

O primeiro projeto tomava como base a Convenção da UNESCO, relacionada à proteção do patrimônio cultural da Humanidade. Esta Convenção afirmava a necessidade de treinamento e a criação de um centro regional para pesquisa científica. O SEI permitiu a formação de

4. Parte dos capítulos que compõem a obra já constavam em publicações do início da década de 1990, na Revista Ibero-americana.



3. Projeto Arqueologia Histórica Missioneira.

um grande número de profissionais e realizou escavações em vários sítios arqueológicos da região platina (Kern, 1994).

Quanto ao PIV, este projeto envolveu universitários de diferentes cursos, em trabalhos práticos, nos diferentes sítios arqueológicos. Outro projeto que envolveu o setor de Arqueologia foi o de *Informatização do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo*, com apoio da IBM e da Associação Amigos das Missões. Esse projeto promoveu o encontro *Arqueologia e Informática*, no qual participaram convidados do MERCOSUL. Posteriormente, foi desenvolvido o *Boletim Arqueologia e Informática*, a bases de dados, os programas multimídia e um *site*, sendo coordenados por José Otávio Catafesto de Souza, Francisco Noeli, Luiz Felipe Escosteguy.

Entre 2003 e 2005, foi realizado o Projeto de Proteção e Valorização do Patrimônio Cultural das Missões Jesuíticas dos Guaranis, nos sítios arqueológicos de São Lourenço Mártir e São João Batista.

Por fim, nos anos de 2008 e 2009, sob minha coordenação e com a participação da arqueóloga Vera Thaddeu, deu-se continuidade ao projeto de identificação da área conhecida como Fonte Missioneira, que havia sido anteriormente pesquisada em na década de noventa do século passado. Várias estruturas que provavelmente compunham o abastecimento hídrico local foram identificadas (como, por exemplo, o espaço utilizado para armazenar água) e estudadas (técnica de construção de tanques d'água, etc.). Todos estes novos projetos inspiravam-se na alternativa proposta durante a execução das atividades do *Arqueologia Histórica Missioneira*, que apontava para a necessidade de também focar a pesquisa em subtemas da área estudada. Mesmo com a atenção do pesquisador voltada para um estudo concentrado, como a cerâmica guarani como identificador étnico (Fernanda Tochetto), ou a utilização do metal no mundo guarani-missioneiro (Claudio Carle), as investigações se caracterizaram por uma preocupação em compor um panorama geral da ocupação.

O capítulo intitulado "O conhecimento e o uso de metais nas Missões, RS-Brasil", de Claudio Carle, é esclarecedor a esse respeito. Partindo de pontos de reflexão/discussão, o investigador concentra o seu estudo, tentando observar o processo de produção do metal, desde a busca pela matéria-prima até o uso do metal, querendo compreender como ele se degrada e depois se valoriza, quando encontrado (Kern, 1998).

Mais recentemente (2002), foi estabelecido um Termo de Cooperação Internacional com o Instituto Andaluz do Patrimônio Histórico (IAPH-Espanha), com o objetivo de realizar, no território compreendido pelos Sete Povos das Missões, um amplo estudo da paisagem cultural regional. Esse acordo prevê o "[...] estabelecimento

Arquivo IPHAN/RS



4. Fonte Missioneira descoberta em 1993.

de relações de cooperação de caráter científico, tecnológico, formativo e cultural, em relações com a documentação, a conservação, a formação e a difusão do patrimônio histórico” (Informe, 2007, p. 2). O projeto integra várias áreas (patrimônio imaterial, arqueologia imaginária missioneira etc.) e objetiva recuperar e valorizar parte do patrimônio arqueológico missioneiro.

O projeto é denominado Guia da Paisagem Cultural para a Gestão do Desenvolvimento do Território das Missões Jesuíticas no Brasil, um dos seus enfoques é a Arqueologia. Mais precisamente, é a aplicação de prospecções geofísicas e de sondagens arqueológicas, como forma de se compreender a ocupação territorial na redução.

Ao longo desta trajetória, a Arqueologia, pouco a pouco, foi sendo inserida no projeto de gestão dos sítios

Arquivo IPHAN/RS e Zanettini Arqueologia



5. Escavação Fonte Missioneira.

Arquivo IPHAN/RS



6. Ruínas da Igreja de São Miguel Arcanjo.

arqueológicos missioneiros. Ao mesmo tempo, consolidou-se o conceito de trabalho integrado, retornando a proposta inicial do projeto Arqueologia Histórica Missioneira, que tinha como objetivo agregar colegas de diferentes profissões, especializados na preservação de bens culturais, nos quais o patrimônio arqueológico também se insere. A tentativa era aperfeiçoar práticas de arqueologia de preservação e integrar as fontes de investigação (Lima, 2002; Kern, 1998). “Um trabalho de tal envergadura exige a participação de equipes interdisciplinares de pesquisadores, dentre os quais arqueólogos, historiadores e etnólogos” (Kern, 1998, p. 14).

Além desses pesquisadores, em diferentes momentos, diferentes profissionais como arquitetos, geógrafos, engenheiros florestais, historiadores, museólogos e educadores, assim como uma dezena de arqueólogos, contribuíram para a discussão. Tratou-se de um movimento de aproximações entre diferentes ciências, que buscavam reunir informações sobre nosso passado.

Esta visão, de acordo com Kern, vinculava-se diretamente ao novo paradigma que marcava as Ciências Sociais, na década de 90 do século passado e que apontava o diálogo multidisciplinar como uma das principais características para a construção do conhecimento (Kern, 1998).

BIBLIOGRAFIA

BARCELOS, A. e HENRIQUE, F. (2000) – *Espaço e arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista*. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-EDIPUCRS, v. 600.

BARRETO, E. A. (Org.) (2008) – *Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás.

- BASTOS, R. L. e FUNARI, P. P. (2008) – A. Public Archaeology and Management of the Brazilian Archaeological-Cultural Heritage. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William H. (Orgs.). In *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, p. 1127-1133.
- BASTOS, R. L.; SOUZA, M. C. e GALLO, H. (Org.) (2005). *Normas e Gerenciamento do patrimônio arqueológico*. São Paulo: SSR/IPHAN.
- BRASIL (1993) – *Manual de gerenciamento do patrimônio arqueológico*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/IBPC, s/p.
- ____ (2006) – *Coletânea de Leis sobre Preservação do Patrimônio*. Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: Iphan.
- CARLE, C. B. (1998) – O conhecimento dos metais nas Missões. RS-Brasil. In: KERN, A., *Arqueologia histórica missioneira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- CUSTÓDIO, L. A. B. – *A redução de São Miguel Arcanjo: contribuição ao Estudo da Tipologia Urbana Missioneira*. 199pg. Dissertação (Mestrado em 2002) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- ____ – Missões jesuíticas: arquitetura e urbanismo. *Cadernos de História*, n.º 21. Online. <http://www.memorial.rs.gov.br/projetos-cadernos.htm>. Disponível em: 05 jan. 2009.
- FUNARI, P. P. (1994) – Rescuing ordinary people's culture: museums, material culture and education in Brazil. In: STONE, P. G. e MOLYNEAUX, B. L. *The presented past – Heritage, museums and education*. Londres: Routledge, p. 120-135.
- ____ (2003) – *Arqueologia*. São Paulo: Contexto. 126 p.
- ____; DOMÍNGUEZ, L. (2002) – La Arqueologia urbana en América Latina: el caso de Habana Vieja, ciudad arqueológica. *Estudios Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 28, n.º 2, p. 113-124.
- ____; ZARANKIN, A. (2005) – Cultura material escolar: o papel da arquitetura. *Pro-Posições*, Campinas, v. 16, n.º 1, p. 135-144.
- ____; PELEGRINI, S. C. A. (2006) – *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Jorge Zahar, 80 p.
- HOLTORF, C. (2007) – *Archaeology is a brand*. Oxford: Archaeopress, 196 p.
- HOWARD, M. (2002) – *Clausewitz: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 96 p.
- INTERNATIONAL COMMITTEE ON ARCHAEOLOGICAL HERITAGE MANAGEMENT (ICAHM) – *Carta Internacional para la Gestión del Patrimonio Arqueológico*, 1990. Disponível em: <http://www.international.icomos.org/charters/arch_sp.htm>. Acesso em: 23 jan. 2009.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. (IPHAN) (1998) – *O patrimônio cultural no âmbito do licenciamento ambiental*. Relatório de Grupo Interdisciplinar de Trabalho. Brasília: IPHAN. s/p.
- KERN, A. A. (Org.) (1998) – *Arqueologia histórica missioneira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 194 p.
- ____ (1995) – *A carta internacional da Arqueologia ICOMOS*. Porto Alegre: SAB.
- ____ (1994) – A arqueologia e o Sítio-Escola Internacional do curso de pós-graduação em História da PUCRS. *Veritas*, v. 39, n.º 154, p. 199-209.
- KING, M. E. E. (1980) – Curators: Ethics and Obligations. *Curator*, v. 23, n.º 1, p. 10-18.
- LIMA, T. A. (2001) – A proteção do patrimônio arqueológico no Brasil: omissões, conflitos, resistências. *Revista de Arqueologia Americana*, México, v. 20, p. 53-79.
- ____ (2002) – Os marcos teóricos da Arqueologia Histórica: possibilidades e limites. *Revista Estudos Ibero Americanos*, Porto Alegre, v. XXVIII, n.º 2, p. 7-23.
- ____ (2006) – Teoria arqueológica em descompasso no Brasil: o caso da Arqueologia Darwiniana. *Revista de Arqueologia* (Belém), v. 19, p. 125-141.
- LIMA, T. A. e SILVA, R. C. P. da (2002) – O conceito de sítio arqueológico histórico: implicações legais. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 35/36, p. 12-20.
- MCDavid, C. (2004) – From Traditional Archaeology to Public Archaeology to Community Action. The Levi Jordan Plantation Project. In: SHACKEL, P. A e CHAMBERS, E. J. *Places in mind: Public Archaeology as Applied Anthropology*. New York: Routledge, Cap. 2.
- MERRIMAN, N. (2004) – Introduction – diversity and dissonance in public archaeology. In: MERRIMAN, Nick (Org.) – *Public archaeology*. Londres: Routledge, 320 p.
- MONTES, A. M. (1998) – *Considerações sobre a restauração arquitetônica em arqueologia*. Tradução: IPHAN/DEPROM. Tese (Doutorado em 1998) – Escola Nacional de Antropologia e História, Cidade do México, 83 p.
- MORAES, T. V.; FRIZZO, R. e CUSTÓDIO, L. A. B. – Avaliação sobre práticas de preservação do patrimônio arqueológico no licenciamento ambiental – 12.ª SR do IPHAN. In: *Congresso Nacional da SAB: Arqueologia Etnicidade e Território*, 14, 2007. Florianópolis. Anais do XIV Congresso Nacional da SAB: Arqueologia Etnicidade e Território. Florianópolis, 2007.
- MORAES, T. V. e MORAES, C. A. (2008) – Reserva Técnica do Escritório Técnico I - Missões (IPHAN/ Rio Grande do Sul). In: Jornadas Internacionales Misiones Jesuíticas: Interacciones y Sentidos de la Conversación, 12., 2008. Buenos Aires. *Anais da XII Misiones Jesuíticas Jornadas Internacionales: interacciones y sentidos de la conversión*. Buenos Aires: Bibliografía de Voros.
- MORLEY, E. J. M. (Org.) (1994) – *Métodos arqueológicos e Gerenciamento de bens culturais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Iphan (Departamento de Promoção). (Caderno de Debates).
- NOWATZKI, C. H. (Org.) (2004) – *O sítio arqueológico de São Miguel das Missões: uma análise sob o ponto de vista da geologia*. São Paulo: AllPrint, 92 p.
- ORSER Jr., C. E. (1992) – *Introdução à arqueologia histórica*. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 142p.
- PARDI, M. L. F. (2002) – *Gestão do Patrimônio arqueológico, documentação e política de preservação*. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em 2002) – UCG. Goiânia: IGPA.
- PROUS, A. (1992) – *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora da UNB, 613 p.
- RENFREW, C. e BAHN, P. (1998) – *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. 2. ed. Madrid: Akal, 576 p.
- RODRIGUEZ, M. A. T. (2002) – *Sistema de análisis arqueológico de edificios históricos* Sevilla: Secretariado de Publicaciones/Universidade de Sevilla e Instituto Universitario de Ciencias de la Construcción.
- SHANKS, M. e TILLEY, C. (1987) – *Reconstructing archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SOCIETY HISTORY ARCHAEOLOGY (SHA) (1993) – The society for historical archaeology. Standarts and Guidelines for the Curation of Archaeological Collections. *The Society for Historical Archaeology Newsletter*, v. 26, n.º 4.
- TRIGGER, B. G. (2004) – *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 504 p.
- ZANETTINI, P. E. (2004) – *A retomada dos acervos das Casas Bandeiristas*. Relatório Técnico. São Paulo: Departamento de Cultura do município de São Paulo.
- ____ (2005) – *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na Casa Bandeirista*. Tese (Doutorado em 2006) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 424 p.
- ____ (2008) – *Organização da Reserva Técnica de São Miguel das Missões, RS*. Projeto de Catalogação e Armazenamento. Relatório de Atividades, IPHAN, n.º 1.